

## Eugénio Lisboa - Um Príncipe das Duas Culturas

Teresa Martins Marques

«O chão sobre que assenta a *certeza* de hoje formou-se pelas aluviões sucessivas da *intuição* antiga. O que é ciência foi já poesia.»

Antero de Quental (Carta a Anselmo de Andrade)

A Obra de Eugénio Lisboa tem merecido a atenção e a adesão de alguns dos nomes mais representativos da nossa crítica literária, nos últimos trinta anos, como Jacinto do Prado Coelho, Álvaro Salema, João Gaspar Simões, David Mourão-Ferreira, entre tantos outros. Embora mais conhecido como ensaísta - uma das nossas maiores inteligências críticas -, Eugénio Lisboa publicara já em 1985 (com reedição em 1999), o livro de poesia *A Matéria Intensa* (Prémio de Poesia da Cidade de Lisboa). Sobre a inconfundível e pessoalíssima voz poética que este livro revela escreveu David Mourão-Ferreira:

“(...) a um tempo áspera e calorosa, austera e fremente, patética e por vezes lúdica – como que de há muito *fazia falta* (disso agora nos apercebemos) no coral da poesia contemporânea, aliás bem rico de outros valores, mas onde não costumam abundar os referidos atributos.”<sup>1</sup>

As palavras do clarividente autor de *Hospital das Letras*, continuam a revelar-se actualíssimas, pois que a voz poética de Eugénio Lisboa continuava a *fazer falta* como poderemos avaliar pelo seu livro de poesia - *O Ilimitável Oceano* -, sugestivo título colhido em John Milton. Sendo poesia e da de melhor quilate, o livro de Eugénio Lisboa tem ainda a vocação do ensaio, desde logo na sua estrutura conforme os tratados clássicos: abre com um Prólogo, tem o seu desenvolvimento na secção principal - «Os Argonautas», segue-se-lhe o Epílogo e termina com Algumas Conclusões. É acção de pensar - exagiu(m) , *essai*, conforme a lição de Montaigne,- mas é também acção de concretizar, experimentando, pondo à prova uma ideia nova: a de historiar (observe-se a rigorosa ordem cronológica das figuras historiadas), e celebrar na, e através da poesia portuguesa, os vultos canónicos da ciência ocidental.

A lucidez, a argúcia, o desassombro e o escrúpulo são algumas das qualidades de Eugénio Lisboa, enquanto crítico e ensaísta, salientadas ainda por David Mourão-Ferreira, na recensão que dedicou à primeira edição de *A Matéria Intensa*<sup>2</sup>, e onde

---

<sup>1</sup>David Mourão-Ferreira, “«A Matéria Intensa» de Eugénio Lisboa, in *Os Ócios do Ofício*, Lisboa, Guimarães Editores, 1989, p.152.

<sup>2</sup> Cf. 2ª edição revista e aumentada: Lisboa, Instituto Camões, 1999.

apontou a *natureza celebrativa* daquele primeiro livro de poesia, no qual surgem glorificadas algumas figuras da história romana (Pompeu, Catão, Petrónio, Marco Aurélio), uma, também, da história nacional (Henrique de Sagres), outra da mitologia grega (Atena), vários poetas e artistas (Camões, Pessoa, Sena, Picasso, Reinaldo Ferreira), mas também vultos anónimos e até cidades como metaforização da condição humana.

A condição do poeta “condenado” a uma incessante procura do Conhecimento, é particularmente visível no belíssimo poema em prosa inserto em *A Matéria Intensa* : «*Procuro, Exactas, as Palavras*» - verdadeira *ars poetica* digna de figurar na mais exigente antologia do género e que principia do seguinte modo:

*“Em vão procuro, exactas, as palavras de que preciso: não sei onde estão, não sei sequer se as conheço, se algum dia as vi e se, tendo-as visto, as reconhecerei quando voltar a encontrá-las (...) Procuro, exactas, as palavras de que preciso, isto é, as palavras que não me vão servir. O que preciso é aquilo de que não preciso. Só me serve o que não me serve. Falhar é triunfar. Conseguir é ficar parado. Triunfar é, definitivamente, perder. Pratiquemos, meticulosamente, a arte sinuosa de procurar, exactas as palavras que não são”.*<sup>3</sup>

Busca de um *rigor cego*, que me recorda o célebre quadro dos cegos de Brueghel, como no poema de abertura do livro:

*“O ponto não tem dimensões, disse-o o grego, / assim descobrindo a geometria que havia / antes que houvesse criação: por isso, cego, / mas rigoroso, já tudo se construí. («A Criação do Mundo», p. 11)*

De tanto praticar, meticulosamente, a arte da procura, o poeta chegaria à meta em que ele mesmo descrevia. Meta sempre susceptível de ser ultrapassada no próximo livro, meta que avança incessantemente à frente, como a linha do horizonte. Este ponto de vista é corroborado pelo próprio título *O Ilimitável Oceano* que continua *A Matéria Intensa*, não apenas como resultado da procura da palavra exacta, mas ainda como prolongamento da *natureza celebrativa*, transposta agora para as figuras cimeiras da História da Ciência da Civilização Ocidental: Thales de Mileto, Anaxágoras, Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Euclides, Teodoro - o Engenheiro-, Arquimedes, Ptolomeu, Bartolomeu Dias, Copérnico, Galileu, Kepler, Descartes, Pascal, Newton, Bohr, Einstein, Oppenheimer e Carl Sagan (subentendido nos títulos dos poemas finais – “O Inverno Nuclear” e “O Outro Inverno Nuclear”). Entre estes argonautas do Conhecimento navega um português – Bartolomeu Dias - a mostrar que o importante na vida é dobrar o “Assombro”, desflorar o mistério, procurar como o astrónomo o “*surto de algum medo*” (p.17) para afinal descobrir a não-razão do medo, para tomar a coragem como meio e fim: “*Dobrado o Assombro, foi que tu viste / não ser o mar diferente. Então, voltaste. / Desflorado o mistério, não existe /motivo para novo esforço: cessaste.*”(p.37)

Do lado da Arte apenas um *nome-sinédoque* - Van Gogh - símbolo do artista devorado pela sede de infinito, diríamos que a procurar exactas as cores de que precisa nas estrelas, exactamente como o poeta, para lançar mão ao infinito: “*Devora-me a sede de infinito./ Que vou fazer? Como resolvê-la?/ Decido: saio para a noite e fito / o espaço nu, a luz duma estrela*”(p.51) A exactidão de Van Gogh assemelha-se à do poeta: não se trata de procurar qualquer fidelidade ao real, mas antes de obter uma transmutação da cor (na tela, no corpo do poema) para a exprimir na plenitude da sua força pictórica e poética. A poesia será, então, ilimitável oceano, paraíso perdido, prometaico pecado original de quem se arroga o direito de roubar o fogo aos deuses.

---

<sup>3</sup>Idem, p. 57

A seu modo, também a ciência procura encontrar o Paraíso do Conhecimento, "*Theory of everything*," sonho dourado que Stephen Hawking e outros físicos teóricos perseguem, entendida não como uma teoria de todos os fenômenos físicos conhecidos e por conhecer, mas sim como teoria fundamental das partículas - sua existência e propriedades - e das forças de interação entre elas.<sup>4</sup> O livro de Eugénio Lisboa constitui um notável exemplo da interação entre o pensamento humanístico e o pensamento científico. É poesia, entendida aqui na linha dualista de Octávio Paz - "*filha do acaso; fruto do cálculo*" (observe-se o rigor métrico destes poemas) "*obediência às regras; criação de outras*"; mas, sobretudo, "*simples máscara que oculta o vazio, formosa prova da supérflua grandeza de toda a obra humana*".<sup>5</sup> Como Thales de Mileto (p. 19) o poeta tenta compreender as leis do universo, sem aos deuses recorrer: "*descobrir é um reverso*". O desconhecido será o que está do lado oposto ao que se observa, mas também o que reverte, o que volta ao ponto de partida - soma de verso e anverso, soma de poesia e de história da ciência, natureza anfíbia deste livro de Eugénio Lisboa que, como Anaxágoras, pergunta "*Qual o fim da vida?*" e responde: "*O sol, a lua, os céus investigar*"(p.21). Ainda aqui a metáfora do Conhecimento como *busca de exactidão*, de procura de sentido - do *Noûs* da obra do próprio Anaxágoras - algo aparentado com o Infinito, a um tempo pensamento e vontade, inteligência eterna, «*everything*» como dizem os físicos teóricos, Deus, como dizem os crentes, desconhecido inventável como dizem os poetas, sagrado *Tetraktys* de Pitágoras, raiz e fonte da criação:

*"Do número, tudo nascia / outros números, a verdade, / a curva que o astro seguia, / a beleza, em vida, a cidade." E como não há bela sem senão: "Só dentro de ti não cabia / raiz de dois ser realidade"(p.23).*

Modelo de Lucrécio e Hölderlin, Empédocles, que acreditava no princípio do amor e do ódio, da atracção e da repulsa, é ele mesmo símbolo do poeta romântico, do homem dividido:

*"Julgava-se um deus? Pensavam que o era? / Com argumentos seus / e o uso de uma esfera, / ao ar deu existência. / Mostrando o invisível, / na sua transparência, / ele disse o indizível: / Crê só na experiência. // E teve morte ardente, / saltando à lava quente." (p.25)*

Crê-se que Demócrito terá dito: «*Prefiro entender o que sei / a poder ser, na Pérsia, rei.*» (p.27) E, se o disse, fez bem em dizê-lo, porque esse seu *saber entender* fez dele, na história do pensamento grego, o materialista mais consistente, sendo-lhe atribuída a primeira teoria do atomismo. Diz-se que possuía avultados bens por herança, mas terá acumulado riqueza de maior monta, tornando-se, segundo Diógenes de Laércio, o homem mais culto do seu tempo. Consta que Platão lhe chamou filósofo burlão e os discípulos deste terão queimado as obras de Demócrito na praça pública. A Inquisição e Hitler não primaram pela originalidade. Demócrito é ainda considerado o símbolo da incomodidade do pensamento, seja ele oriundo de poetas ou de cientistas. A síntese expressa nos dois versos do poema de Eugénio Lisboa não poderia, pois, ser mais apropriada.

É próprio dos poetas perscrutarem os segredos, à maneira de Arquimedes: a impulsão da inspiração será igual ao peso do volume da imaginação deslocada?

---

<sup>4</sup>António Manuel Baptista, *Ciência- A Anatomia do Maravilhoso*, Lisboa, SPB Editores, 1998, p.308.

<sup>5</sup>Cit. por David Mourão-Ferreira como epígrafe a *Imagens da Poesia Europeia*, Lisboa, Realizações Artis, 1972.

Suponho que ninguém saberá responder, nem mesmo o soube o físico de Siracusa. Sobre ele escreveu Eugénio Lisboa: *“Nos líquidos perscrutou /o segredo vertical / de uma força que achou:/ descobrir é casual, / quando muito se pensou.* (p. 33)

A busca da “mortalidade adiada” tem sido um dos principais intentos dos poetas. Assim com o astrónomo Ptolomeu, sentindo que se eleva acima da sua humana condição:

*“Como todos, sou mortal:/ minha vida é um dia./ Mas quando sigo, fatal, / no céu que nos alumia, /a multidão das estrelas, /em seu curso circular, /sinto deslumbrado nelas, /meus pés do chão, levantar”.* (p. 35)

E para marcar que é a *“forma de olhar”* que faz verdadeiramente a diferença, diz-se de Copérnico:

*“O céu que viste era o céu / de Ptolomeu. Mas diferente / foi a forma de o olhar. / No modo de julgar, teu, / a Terra, astro movente, / demitiu-se de pensar /que era o centro do mundo: / assim ver, que abalo fundo!”*(p.39)

A ousadia, a coragem, que implica remar contra a maré, contribuir para a mutação de paradigma encontramos-na nos poetas, tal como nos cientistas. É a mesma humildade e altivez no ousar, idênticas nos objectivos, diferentes nos métodos, as formas de perscrutar o movimento do mundo. É *“cândido o olhar”* do poeta à semelhança do de Galileu: *“As leis do movimento perscrutaste, / com paciência e cândido olhar. /Com o mesmo olhar o vasto céu sondaste / humilde mas altivo no ousar.”* (p. 41)

Em contraste com o mundo próximo caracterizado pela podridão, fome, conflito e pestilência, surge o espaço do Conhecimento, a *“pureza da ciência”*, que faz a diferença e que faz avançar o mundo, como no poema dedicado a Kepler:

*“O mundo próximo, à volta, apodrece. /Fome, mortal conflito e pestilência / turvam o dia que mal amanhece. /Segura-se à pureza da ciência: o curso aparente das estrelas. / seguindo matemática divina, / deriva, das rigorosas tabelas / do vasto cosmo, a curva sibilina.”* (p. 43)

Sibilina é também a curva do Eu de Descartes, que existe porque pensa, e porque pensa, existe: *“Se penso que sou, /existo. Pensar / que sou é ser. Vou /ser o que achar / que sou. Inventou / terra, mar e ar / quem nisso pensou.”* (p. 45)

O estudo dos problemas do cálculo de probabilidades fará talvez dizer a Pascal, pela pena de Eugénio:

*“Não penso, no vasto espaço denso, / encontrar a minha dignidade: / tão só no domínio do que penso. / Ter mundos é pura inaniidade:/ qual átomo, o espaço me devora /e anula; e só o pensamento/ que me habita e em mim demora / me dá, do universo, entendimento.”* (p. 47)

Alberto Caeiro talvez aceitasse dizer como o Newton de Eugénio Lisboa:

*“Da qualidade oculta de tudo, / não cuido, nem sei. Não é de ofício / sério sabê-lo: o tudo é mudo / e forçar-lhe a fala é sério vício. / Dos fenómenos, deduzo leis / de movimento e destas derivo / qualidades e acções: vereis / que o saber, assim, avança, altivo”.* (p. 49)

A altivez do saber de Newton, mas também o seu contrário: *“o tudo é mudo”* ver-se-ia, mais tarde, cerceada pela mecânica quântica e pelos “mistérios” da indeterminação, bem como das suas consequências, anunciados no poema dedicado a Niels Bohr: *“Os corpúsculos e as ondas / são a mesma realidade. / Assim sendo, tu já sondas / o começo de uma idade.* (p. 53). É interessante atentar na simbologia do

parêntesis, que envolve a parte restante do poema, como quem cicia um segredo, como quem está de sobreaviso relativamente ao futuro, pois Niels Bohr, no Outono de 1943, fugindo à perseguição nazi, iria refugiar-se nos EUA, colaborando nos trabalhos que levariam à produção da bomba atômica, entre 1943 e 1945: “(*Perscrutar certos segredos / que a natureza escondera / é fundamento dos medos / do frio que nos espera*)” (p. 53)

O frio, enquanto metáfora da morte, por causa natural, ou por catástrofe surgirá nos poemas finais do livro, exactamente a partir de Niels Bohr. E as portas do futuro, abertas pela teoria da relatividade, contêm também o germen da desconfiança pelo que virá depois. Assim o lemos no poema de Einstein: “*E igual a mc dois / abriu as portas do ignoto:/ o que há-de vir depois / é o frio: aqui o noto.*” (p. 55)

Frio este que , com Oppenheimer, se transformará em fogo, já que ele foi também director de Los Alamos, a central onde se preparou a destruição de Hiroshima e Nagasaki: “*Olhando o deserto em fogo, / promessa de abismos fundos, / fiz-me sentido do jogo:/ «sou morte que alisa mundos».*” (p.57). ”Alisar” é um verbo repassado de ironia trágica: não tem já a conotação de maciez, de suavidade, mas de erosão, de rasura, de morte, de nadição, nulificação, como se verá em seguida nas duas hipóteses do Epílogo, a primeira das quais, intitulada “Brisas”, implicitamente dedicada a Carl Sagan : “(*O Inverno Nuclear*)”, cogumelo venenoso, pronto a explodir sobre a cabeça da humanidade:

*“Brandas, as brisas alisam / aquilo que não é vida: / sossegam, calmas, deslizam, / na fria terra despida. / solenes brisas avisam / quem já ouvi-las não sabe: / mas brisas que nada pisam / fulgor de vida não cabe.”* (p. 61)

A *Hipótese II (O Outro Inverno)* será, afinal, conforme ao sub-título – “O caminho da entropia” que, segundo o modelo de Clausius, levaria não à teoria de Tudo, mas ao fim de Tudo: se a entropia tende para o máximo, alcançada a máxima desordem, seria nula a produção de trabalho ( morte do universo):

*“Um frio estelar rouba à glória a memória./ Ao mais e ao menos uma fria brisa alisa. / Arrefecido o homem, já da sua história / fica só nada, que o fluir do tempo pisa. / Do que fomos, nem de nos termos esquecido / traço fica. / Inocente, o tempo, liso, flui, / nem sabendo que não sabe. O já ter sido / é nem ter chegado a ser: o passado alui./ Eterno, sem lembrança, o frio acontecido.”* (p. 63)

Este belíssimo poema, que se filia na linhagem da “*Tabacaria*” de Álvaro de Campos e na “*Ladainha dos Póstumos Natais*” de David Mourão-Ferreira, enquanto rasura da memória e do sujeito que pensa a própria existência, de improvável memória, é um hino ao que poderá vir a ser o futuro, desejando o poeta que tal não suceda. É, pois, um pôr em causa da ciência, não enquanto ciência propriamente dita, mas de algumas das suas nefastas aplicações. É, no fundo, uma revalorização do homem, enquanto ser que comanda, para o bem ou para o mal (e não para além do bem e do mal), o seu destino. É talvez a melhor forma de exprimir o desejo de que fique eterno na memória o calor acontecido, quando os homens souberem dar as mãos.

Na “*Conclusão I*” o poeta Eugénio Lisboa só poderia apresentar-nos esta belíssima definição poética da linha recta, aceitando a vida na sua precaridade, não acreditando nos mitos do eterno retorno, tendo a coragem de a assumir na sua linearidade, de acordo com a flecha do tempo: “*A vida é o caminho mais curto entre o caos e a noite*” (p.67), onde ecoa Montherlant, a organização a partir do caos, uma manhã, uma tarde e um crepúsculo de luz, antes que a noite chegue, inexorável. Chegue quando chegar, a luz sorvida pela vida terá valido a pena.

Na “Conclusão II” saberemos o perímetro e o diâmetro da Circunferência que limita os direitos do homem à vida e à morte: “*Na perspectiva da duração do universo, todos os homens são equidistantes do frio final. O conjunto dos homens, é, pois, uma circunferência cujo centro é um frio*”. (p. 67)

A circunferência é o conjunto dos pontos que unem os homens, nivelando-os relativamente a um destino que os ultrapassa. Leio esta definição poética de circunferência, como alusão a “*todos os homens nascem livres e iguais*” e todos os homens estarão igualmente nivelados no Nada a que a sua Vontade de Poder desenfreado os conduza. Será ainda um apelo à nossa humildade-grandeza de sermos feitos de pó de estrelas - em pleno sentido literal – e, porque pensamos, poderemos agir construindo ou destruindo aquilo a que chamamos destino colectivo. Eugénio Lisboa – homem de ciência e humanista – poeta navegador neste *Ilimitável Oceano* de poesia celebrativa da ciência - não escreve nenhum epitáfio da humanidade, mas traça um círculo de equidistância entre os diversos saberes.

Destaco de um volume organizado por Kelly Basílio e Manuel Gusmão, intitulado *Poesia & Ciência*<sup>6</sup>, o estudo de Joaquim Cerqueira Gonçalves, intitulado «O Saber da Poesia e o Saber da Ciência»,<sup>7</sup> onde se lêem as seguintes palavras, que se adequam, exemplarmente, ao autor de *A Matéria Intensa* ou de *Crónica dos Anos da Peste*: «Personagens há contemplados pelo dom dos dois saberes, que jorram, brotando da mesma fonte».<sup>8</sup> Fonte de Castália onde Eugénio-poeta bebeu o dom da poesia, fonte de energia, onde Eugénio engenhosamente bebe o saber, que o dom da poesia pensa e desvenda. Este *Ilimitável Oceano*, sendo o que é – poesia celebrativa –, é ainda um (in)voluntário exercício pedagógico, sendo também uma metáfora poética da beleza que existe no rigor da ciência.

Eugénio Lisboa é, conforme a designação de C. P. Snow, um príncipe das Duas Culturas: a científica e a humanística. E, nesta aliança, vai na boa companhia do cientista e poeta António Gedeão: “*Postulados e leis e lemas e teoremas, / Tudo o que afirma e jura e diz que sim, / Teorias, doutrinas e sistemas, / Tudo se escapa ao autor dos meus poemas. / A ele, e a mim.*” Confluência das Duas Culturas, também assumida por António Damásio: “*Quer as pessoas gostem, quer não, todos os conteúdos mentais são subjectivos e a força da ciência provém da capacidade de verificar a consistência de muitas subjectividades individuais*”.<sup>9</sup> Ou, conforme a lição de Eugénio Lisboa, no texto justamente intitulado «*Revisitar as duas culturas*» inserto em *Portugaliae Monumenta Frivola*:

“*Porque, tão grave pode ser o cientista atómico que nunca teve tempo de ler ou meditar um romance de Dickens, como o professor de literatura inglesa (ou francesa, ou portuguesa) que nunca ouviu falar no segundo princípio da termodinâmica. Ao primeiro faltar-lhe-á alguma dimensão humana e cultural que pode eventualmente torná-lo anestesiado a zonas fundamentais da vida e da decisão profissional que intersectam fundamentalmente o viver e o sobreviver dos outros; ao segundo faltar-lhe-á, para sempre, uma compreensão de outras áreas do conhecimento humano, a qual*

---

<sup>6</sup>*Poesia & Ciência*, Lisboa, Edições Cosmos / GUELF (Groupe Universitaire d'Études de Littératures Française) – Faculdade de Letras de Lisboa, 1994.

<sup>7</sup>Idem, pp.19 a 27.

<sup>8</sup>Idem, p. 26.

<sup>9</sup>António Damásio *O Sentimento de Si*, Lisboa, Edições Europa-América, p.106. ( Maria de Sousa, autora da poesia em questão, foi uma das consultoras da tradução portuguesa deste livro).

*compreensão (ou sensibilidade para, ou sintonia com) o tornariam menos apto a deixar-se passivamente arrastar para aventuras cuja vocação é o apocalipse."*

As pontes entre as Duas Culturas permitirão recriar novos quadros de referência de valores, pois quer Deus tenha morrido, quer esteja de boa saúde, nem tudo o homem se deve permitir a si mesmo, se quiser evitar os terríveis «invernos nucleares» para os quais nos alertou Carl Sagan. A meditação sobre a morte, como forma de potenciar o valor da vida, encontramos-la exemplarmente tratada por Eugénio em *Crónica dos Anos da Peste*, particularizada no texto «*Morrer de Velho*», que considero um dos dois ou três mais admiráveis ensaios da literatura portuguesa da segunda metade do século XX. Grito estrangulado dos que vão ainda viver a morte dos seus mortos, é um hino à coragem de sentir a angústia e de a dizer em palavras exactas, construindo uma hiperlúcida filosofia da solidão e da morte, numa aliança perfeita da inteligência e da emoção, exercendo a crítica como arte maior. «*Morrer de Velho*» poderia ser também uma comunicação a apresentar a um simpósio de Medicina ou de Sociologia, e aí manteria todo o seu vigor como texto exemplar da confluência entre as Duas Culturas.

Um superior domínio da ironia mesclada à erudição é uma das características do discurso de Eugénio Lisboa. Veja-se o título do livro supra citado *Portugaliae Monumenta Frivola*<sup>10</sup> - título que faria sorrir o sisudo Herculano, que nem sequer poderia reclamar a total originalidade do seu título, já que foi bebê-lo, como é sabido, aos *Monumenta Germaniae Historica*. Mas o que intrigaria, deveras, o prudente autor d'*A Voz do Profeta*, seria o sub-título do volume - *As verdadeiras e as falsas riquezas* - seguido de um complexo parêntesis, na folha de rosto, que pode ser lido a meio caminho entre a explicitação de género e a informação comentativa: (*Escritos ligeiros de proveito e exemplo, crónicas, páginas de polémica, entrevistas e outro pão partido em pequeninos*).

Relativamente ao sub-título *As verdadeiras e as falsas riquezas*, se me é lícito continuar a imaginar a reacção de Herculano, este haveria de ler aqui, de bom grado, a alusão intertextual ao título do Sermão da Primeira Oitava da Páscoa - *Sobre as Verdadeiras e as Falsas Riquezas* - que o Mestre António Vieira proferiu em 1656, "na ocasião em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das minas, que com grande empenho se tinham ido descobrir." Ao moralista Herculano não desagradaria também a implícita convocação de Gonçalo Fernandes Trancoso e dos seus *Contos & Histórias de Proveito e Exemplo*, coadjuvados pelo "pão partido em pequeninos", que, em si mesmo, evoca a bondosa solidariedade do Padre Manuel Bernardes. Com a devota companhia de dois padres, a ruga na testa de Herculano haveria de aumentar, já que, versado como era em latim, não deixaria de ver nova alusão no aparentemente fútil adjectivo *frivola*, responsável pelo substantivo do plural *frivola, frivolorum*, que significa, nem mais nem menos, "loija de barro feita em cacos." Muita loija tem deixado em cacos Eugénio Lisboa, mestre em polémicas, que sabem agitar as águas, tantas vezes mornas, da nossa República das Letras.

Estamos claramente no reino de uma ética, que separa inequivocamente as águas das verdadeiras e das falsas riquezas, inscrevendo-se, na senda de Vieira, a questionação dos fins da cultura:

*"Para que serve a cultura? Que faz ela de nós, que não nos torna melhores? Que faz ela que não nos dá o gosto de um estilo, de uma estratégia de maneiras, que em nós não promove o sentido de uma*

---

<sup>10</sup> Nota de 2001: distinguido com o prestigioso *Prémio Jacinto do Prado Coelho* atribuído pelo Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários.

rigorosa exigência?"(...) "Pudesse isto ficar como o emblema do que a verdadeira cultura, fecundando o que em nós há de melhor, deveria afinal produzir: um estilo, uma elegância, um panache, uma bondade, uma doçura de viver. Uma capacidade de desprezar tudo quanto não é essencial. Uma lealdade fundamental para com o nosso eu profundo. Um decidido voltar as costas aos jogos mundanos, aos códigos em voga e às «zonas de influência». E só esse."

*O Objecto Celebrado* é o sugestivo título de um livro de ensaios, estudos e crítica de Eugénio Lisboa. O volume abre com uma nota onde nos fornece as suas cartas de navegação e, com aquela sinceridade que todos lhe reconhecemos, e que mais o engrandece aos nossos olhos, assume que «saber remar contra a maré ou, mais perversamente, gostar de remar contra a maré, quando disso tiver que ser o caso, é um dos vícios que o autor tem podido cultivar.» O seu discurso crítico é marcado por uma indiscutível vocação pedagógica, mas não professoral, a qual, sobremaneira, o humaniza, tornando-se uma das melhores estratégias de sedução do ensaísta. Se Vladimir Nabokov e Eugénio Lisboa tivessem podido conhecer-se, estou em crer que muito teriam para conversar, pois o retrato ideal de leitor, tal como Nabokov o traçou, poderia ter tido por modelo o autor de *O Objecto Celebrado*:

"O melhor que um leitor possa ter ou cultivar é uma compósita mistura de temperamento artístico e de temperamento científico. O artista, só por si, tem tendência, no seu entusiasmo, a ser demasiado subjectivo na sua atitude em relação ao livro, e uma certa reserva científica virá então temperar, muito a propósito, o ímpeto da intuição. Se, todavia, alguém quiser lançar-se na leitura, sendo totalmente desprovido tanto de paixão como de paciência - a paixão do artista, a paciência do cientista -, esse alguém dificilmente poderá apreciar a grande literatura".

É justamente esta mistura compósita de temperamento artístico e científico que se encontra plasmada na escrita de Eugénio Lisboa, quer se trate do seu livro de poesia *Matéria Intensa* (ao qual foi atribuído o prestigioso *Prémio Cidade de Lisboa* em 1985) quer se trate dos seus textos ensaísticos ou críticos deste *O Objecto Celebrado* ou d' *As Vinte e Cinco Notas do Texto*, ou da *Crónica dos Anos da Peste I e II*, ou dos volumes sobre o *Segundo Modernismo*, sobre a *Poesia Portuguesa do Orpheu ao Neo-Realismo*, ou ainda dos insuperáveis estudos monográficos dedicados a José Régio ou Jorge de Sena. Eugénio Lisboa conquista a adesão do leitor através da riqueza e originalidade do seu pensamento, matéria intensa de inteligência, servida por uma linguagem *sur le vif* que, às vezes, se trava de razões com o autor criticado, podendo variar o tom desde a bonomia dialogante, até à verdadeira estocada irónica, quando o contendor fez por merecer e não percebe de outra forma.

Mestre admirável na arte da citação, esta surge no momento oportuno, ora como forma de homenagem intertextual, reforçativa de um ponto de vista, ora servindo suculentamente uma argumentação subtilmente irónica, harmonizando elegância e coloquialidade, com o riso de um Gavroche que acabou de atirar mais uma pedra, pois sabe que a inteligência é o que há de melhor, como artilharia, em qualquer barricada. Como todos os que sabem atrever-se, Eugénio Lisboa sabe que, "quando a prudência está em todo o lado, a coragem não está em parte nenhuma", conforme ensinou o Cardeal Mercier que, por dever de ofício, deveria pregar outra doutrina, mas que, por dever de cidadania, viria a dar sobejas provas de coragem, durante a Primeira Grande Guerra. Seguindo a lição de Saint-John Perse, o autor de *O Objecto Celebrado* não recusa o mais difícil papel do crítico: "être la mauvaise conscience de son temps." Da mesma forma que o autor de *Crónica dos Anos da Peste* trilha a senda de Octavio Paz, que considerou a crítica como a única vacina contra a peste do século XX - a peste autoritária.



Eugénio diverte-se a pensar e a fazer pensar os outros. Mas este divertimento é um caso muito sério, pois, no modo de pensar eugeniano entra um factor indispensável para que exista progresso em qualquer ramo do conhecimento. Esse factor chama-se *espírito de divergência*. Partindo do princípio de que não é possível a duas pessoas, que não desistem de pensar, estarem sistematicamente de acordo, Eugénio teoriza e pratica o respeito ideológico pela diferença, considerando-a como a melhor forma de homenagem, que se pode render ao pensamento alheio. A nossa praça literária não está habituada a estas formas de homenagem e é por isso que, vozes como a de Eugénio Lisboa, constituem a própria Liberdade por antonomásia.

O discurso crítico de Eugénio, como acção de pensar e como pensamento em acção, conforme o praticaram grandes pensadores Plutarco, Marco Aurélio ou Montaigne, tornou-se solo fértil para a sua própria poesia - *A Matéria Intensa* - que é coetânea de bom número de ensaios do *Objecto Celebrado*. A poética do espaço e da memória, que o ensaísta põe em relevo na poesia de Glória de Sant'Ana, ou de Mário António, é também, subtilmente, revelada no seu poema em prosa «*Recurso aos Lagos*». Talvez não passem de simples desejos de espíritos organizadores, as comportas de género erguidas por Brunetière e seus descendentes, já que os artistas costumam divertir-se a voar por cima delas, para continuarem a dar trabalho aos teóricos dos Estudos Literários. Independentemente do modo, a transposição do sujeito para o objecto - celebrado, invectivado ou simplesmente contemplado - é idêntica; o recurso aos lagos não é mais do que o recurso à palavra, ao gosto das palavras transformado em matéria intensa:

«*Os lagos são belos mas indiferentes. Suspeito mesmo que nos fitam sem nos verem. Por fim, penso que sou injusto: o mal não está neles, está em mim. Se só a minha ferida fica imune ao bem que os lagos a tudo fazem, é porque eu a preservo.(...) Se o meu mal há-de ser a minha morte ele é também aquilo que me enobrece. Por isso o cultivo fingindo que o trato. Do fracasso da cura, acuso os lagos. Que estão, é claro, inocentes.*»

Poesia feita de lucidez e autognose, em palavras bebidas nos lagos "*como quem se cura*", poção mágica de palavras feita. José Régio é uma das saudáveis obsessões deste crítico que, para nossa ventura e deles, não tem cura. Fizeram ambos "*un bon usage des maladies*," como recomendou Pascal, pois é verdadeiramente surpreendente que, por mais que Eugénio escreva sobre Régio, nenhum deles se esgota. Isto mesmo pode ser verificado nos nove textos que lhe dedica neste *Objecto Celebrado*, no total de cinquenta e duas páginas. Relativamente ao *Príncipe com Orelhas de Burro*, e a esta leitura que dele faz Eugénio Lisboa, recordo-me de ter ouvido dizer a David Mourão-Ferreira que ela "*é a mais fina das leituras desta obra de Régio*". Trata-se, com efeito, de uma súpula filosófica sobre o sofrimento como via de acesso - *ad augusta per angusta* - ao conhecimento, à perfeição inconciliável com a vida, que é o seu preço; círculo em devir, simultaneamente vicioso e salvífico, que atinge a perfeição na morte. Como diz Eugénio: "*Romance da vida. Da vida que devém morte que devém vida*". Será ainda a morte salvífica, "concentração de virtude", que está reservada aos mortos, no poema que abre *A Matéria Intensa*:

"*Os mortos mais do que os vivos, estão vivos. / Surgem, fortes, intensos, aparecem / depurados e cheios de motivos. Visitam-nos e acham que merecem / todo o rigor da nossa atenção. / A morte deulhes, pensam, nova vida; / vê-se neles uma concentração / de virtudes - de vida reflectida. / Os mortos ensinam-nos a viver / dão um valor novo ao que nos rodeia, / dão ao quotidiano acontecer / um brilho vivo que nos incendeia. / Os mortos acendem, em nós, a chama / de uma nova vida. Julgo que pedem / que olhemos fundo a luz que se derrama. / Exigem. Clamam. Os mortos não cedem.*"

Naturalmente, porque são a perfeição que nós lhes emprestamos ao pensá-los, ao mitificá-los. Os mortos vivem dos vivos, como os textos vivem dos críticos como Eugénio Lisboa, que ressuscita o príncipe Leonel, em cada uma das suas palavras, transformando-as *em matéria intensa* da poesia, que também se faz em prosa.

De grande importância se me afiguram também as três leituras de Fernando Pessoa insertas neste livro: na primeira, intitulada "*Uma tranquilidade violenta - Fernando Pessoa e a rotura modernista*," escrita aquando do cinquentenário da morte do poeta, Eugénio chama a atenção, desde o primeiro parágrafo, para a sua intenção de examinar criticamente "*alguns confortos estabelecidos*": O ensaio começa por clarificar o conceito de leitura e cita desde logo Pessoa: "*A mór parte da gente não sabe ler e chama (ler) a adaptar a si o que o autor escreve, quando para o homem culto, compreender o que se lê é, ao contrário, adaptar-se ao que o autor escreveu*". Subtil diferença, com enormes consequências. Eugénio, em vez de adaptar a si Fernando Pessoa, vai adaptar-se a ele, isto é, tentar perceber a sua zona de penumbra, dizendo, desde logo, para que não restem dúvidas: «*como todo o grande espírito, Fernando Pessoa contradisse-se prodigiosamente*». Vai Eugénio demonstrar, como um homem de ciência que é, através de um levantamento de excertos muito completo, que não tem razão de ser o lugar-comum que faz de Pessoa um campeão de uma suposta ruptura modernista, procurando mostrar que Pessoa se sentia «herdeiro» e «descendente» de uma herança que renovou e acrescentou, e não pioneiro espantado e deslumbrado de um caminho totalmente desligado dos caminhos que o precederam.

A relação Eugénio / Pessoa é das mais curiosas e encontrará o seu cume no terceiro texto, inserto neste *Objecto Celebrado*, que se intitula "*Um Estrangeiro na Terra*". Trata-se de uma verdadeira obra-prima da arte de recriar, dando corpo, voz e fabricando em corpo e alma, se posso dizê-lo, um ente composto feito dos mil pedaços do que, com humor, Eugénio costuma designar a "paróquia heterónima". Este texto, repassado de finíssima ironia, constitui-se como imaginário monólogo interior de um ser trágico, grandioso, afirmando os seus limites, desmistificando o mito em que se tornou, sofrendo a dor de a não sofrer, ou de não ousar sofrê-la. Um ser de excepção, criado por um texto de excepção, construído com trechos de excepção. Um ente *estrangeiro*, no sentido camusiano do termo, que se confronta com o espanto de que é feito o seu estranhamento, na hora estranha em que estranha morrer o que não viveu, mas que vive e se eterniza sentindo-o quem o lê:

*"Morto, vou finalmente ter uma espécie de vida. Vivo, fui uma espécie de morto. Ser é sempre o contrário de realmente ser. Os deuses riem-se, tirando-nos até o que parece que dão. Na vida, morreremos, que é o que viver quer dizer. Na morte, vivemos de uma maneira de que só os outros se apercebem - a nossa morte definitiva é a nossa vida - para - uso - deles."*

Falando de Pessoa, Eugénio poderia falar dos espaços literários ou geográficos que, sendo o que são, não deixam de ser mitos, que a memória inventa e reinventa. Lourenço Marques, no seu privado tempo de África, está entre eles. É o espaço *ali* e o tempo *então*. A casa da infância e da adolescência é o lugar privilegiado da descoberta das coisas, dos seres, enquanto compasso de espera, espaço formativo do sujeito que se prepara para chegar ao «Mundo». Esta casa, simultaneamente berço e concha, encontra-se na crónica intitulada «Antigamente, um quarto»,<sup>11</sup> que constitui uma das (trans)figurações mais emocionadas e simultaneamente mais penetrantes como poética do espaço e da memória, guia ao mundo iniciático da adolescência, onde a literatura se

---

<sup>11</sup>in *Limiar* n.º 7, Porto, 1996. Incluída posteriormente no volume *Portugaliae Monumenta Frivola*, Lisboa, Universitária Editora, 2000.

torna uma apaixonante experiência, feita de segredo e de silêncio. A citação é longa, mas acreditem que vale a pena. Ouçamos Eugénio:

«Se tivesse podido, tinha ficado sempre na mesma casa, em Lourenço Marques. Com os meus móveis, velhos, toscos, com os livros nos mesmos sítios. Gosto de conhecer bem as casas onde vivo e gosto ainda mais que elas me conheçam a mim. Quando ficamos *acertados* um com o outro, quando nos habituamos, parece-me então, que tudo se torna possível. É como se ficasse apetrechado para tudo! Quando tinha catorze anos, um colega e amigo do meu pai, em África, chamou-me a sua casa e deu-me para cima de uma centena de livros e até uma pequena estante. Trouxe tudo para minha casa, pus a estante com os livros no meu quarto e começámos a conhecer-nos. Aquilo passou a ser o meu mundo. Estendia-me na cama e ficava a olhar para toda aquela riqueza. Ia lendo os livros, o que era talvez importante, não sei, mas sobretudo, gostava de *estar ali*. Dávamo-nos bem, eu e os livros e não me parecia nada necessário, nem aconselhável mudar aquele estado de coisas. Aquela casa calhava-me, e aquele quarto e aqueles livros que eu ia lendo: Plutarco, Kipling, Conrad, Lawrence, Stendhal, Tagore, Charlotte Brontë... Gostava imenso destas ficções mas gostava delas *ali*, naquele sítio, naquele sossego, naquele isolamento africano. Não sei se me apetecia, mas acho que não, mudá-los um dia para outra casa, noutra terra, noutra continente. Embora soubesse, com a cabeça, que dentro de três anos teria que partir para Lisboa, para estudar na Universidade, o meu coração não estava nessa: além do mais, três anos era muito tempo. Tudo andava ali tão devagar e é tão bom que seja assim.

Na casa, sentado no chão ou estendido na cama a ler, eu ia ficando cada vez mais em sintonia profunda com o meu quarto e com *aqueles* livros: Merimée, Dostoiewsky, Victor Hugo, Musset, Panait Istrati. O meu mundo ia-se alargando ali. A Senhora de Rênal ficou para todo o sempre ligada ao meu encontro com ela, *naquela* casa. Ainda hoje, quando releio o livro mágico de Stendhal, regresso automaticamente à casa da Rua Mendonça Barreto. Pego no *Rouge* e instalo-me mentalmente lá: a cor do dia, o bom cheiro africano, o prazer demorado, o nascer palpitante do meu amor pela Senhora de Rênal – tudo recomeça. Tudo regressa. Aquela casa ficou dentro de mim e gostaria de acreditar que, de algum modo misterioso, eu fiquei dentro dela, mesmo que ela tenha desaparecido, como é quase certo que aconteceu. Também foi ali que me encontrei com o Huckleberry Finn e com a Katucha da *Ressurreição*. Todos esses livros que ainda gosto de reler ficaram, na minha memória e no meu afecto, ligados àquela casa. E o meu cão, o Nero, que eu levava à praia e vinha comigo para a cama, enquanto eu recomeçava o meu romance com a Senhora de Rênal. Não sei se tudo aquilo só seria possível naquela casa mas a verdade é que tudo aquilo ficou irremediavelmente a só ser possível naquela casa.

A casa nem sequer era boa. Mas era melhor do que ser boa: era a casa a que me tinha habituado, era a casa em que tantos encontros e milagres aconteciam. Era dali que eu via a Europa para onde havia de ir um dia e acho hoje (e achava então) que a Europa era boa *vista dali*, daquele quarto. A Florença do *Lys Rouge*, percebida através da leitura, naquele aconchego, era multiplicadamente bem melhor do que a outra verdadeira que aguardava a minha decepção. Como era grande e mágico e sedutor o mundo visto do meu quarto da Rua Mendonça Barreto de uma Lourenço Marques que já não existe! Ali sofri com a Jenny de Fontanin e com o Jacques Thibault e com eles sonhei Paris que era tão apetitosa enquanto acariciava o Nero.

A casa tinha um quintal atrás e um pequeno jardim à frente e uma cave enorme e um pouco assustadora. Depois do almoço, enquanto me não decidia a estudar ou a fazer os deveres, lia o Plutarco – no quarto, claro. Assim, aquele quarto se ia transformando na Grécia, em Roma e na Roménia de Adriano Zograffi. Foi também ali que chorei com o *Adeus às Armas* (numa edição brasileira), como foi ali, pouco antes de partir para Portugal, que fui apresentado à Katherine Mansfield.

O quarto ia sempre ficando maior e eu a caber nele cada vez melhor. Tanta coisa ali tinha acontecido e com gente de tanto lado diferente, que o quarto era realmente um mundo. Sair dele era ir para mais pequeno. Foi o que me sucedeu em Setembro de 1947. Quando me despedi da casa e do Nero (e dos meus pais, é claro) e parti para sempre daquele cantinho a que quisera como se fosse parte de mim e no qual me fizera como nunca voltou a acontecer. Acho que só se tem uma experiência assim uma vez na vida. Também não há quartos por aí aos montes. Houve aquele e já não foi mau. Julgo que há muita gente que nunca teve nenhum. Pelo menos como aquele. De onde se via a cidadezinha de Verrières, que veio depois a caber inteira no interior do quarto e onde acabou por ficar, com a Senhora de Rênal dentro dela e portanto dentro dele. E dentro de mim.

Gostaria tanto de acreditar num além onde pudesse voltar a encontrar a minha casa, o meu quarto, o Nero e a estantezinha de prateleiras mínimas onde cabiam à justa, as novelas Inquérito que eu lia como quem descobre! Porque não há uma máquina do tempo que me permita voltar à Mendonça Barreto e encontrar ali, pela primeira vez, a Senhora de Rênal a perguntar-me, com uma doçura que me trespassou: «*Que voulez-vous ici, mon enfant?*»

*O Espaço constitutivo* do ser como o considera Gaston Bachelard, em *Poétique de l' Espace*, ou o *espaço projectivo* do sujeito, conforme o define Lima de Freitas,<sup>12</sup> representado como projecção do Eu, é um espaço-vivo, que acumula memórias e segrega sentidos, tecido palpitante, que a si mesmo se simboliza como enigma e como decifração, deixando de ser noção abstracta, conceptual, para se tornar indissociável dos seres e objectos que o manifestam e *ali* se manifestam: espaço-mundo, espaço-terra, espaço-tempo.

Tal é a concepção de espaço, que se nos depara nesta magnífica crónica de Eugénio Lisboa. O advérbio «Antigamente» soma, em si mesmo, o significado de tempo passado, transacto, mas associa também a ideia de *mente antiga*, mas não antiquada, pensamento preservado no cristal do tempo, relíquia da mente, que se contempla com ternura.

O quarto é o retrato adolescente do sujeito – pequeno grande espaço – que contém uma infinita curiosidade pelo mundo, pequeno grande espaço, como a mente do jovem, que se forma acotovelando, arrumadamente, na sua estante de madeira, de memória, os seus livros, os seus heróis. Naturalmente, também as suas heroínas de ficção. Dentre elas, *Madame de Rênal* transformada, para sempre, em mito.

A Senhora de Rênal é, para Eugénio, a quinta-essência das mulheres: *Mágica, doce, terna, mãe, amante, generosa, dedicada, corajosa (como são as mulheres, bem mais que os homens)*, e estas são palavras do Autor, que declara a mais bela das paixões literárias, a qual mostra que a literatura tem consequências, nem sempre trágicas, e que a cultura e os livros são um espaço inexpugnável de felicidade ao alcance dos que têm o vício impune de ler, conforme o classificou Valery Larbaud. Veja-se como principiou a paixão por *Mme de Rênal*:

*“Eu tinha para aí uns 15 anos quando li, pela primeira vez, o meu romance: Le Rouge et le Noir que se chamava, nessa altura. Vermelho e Negro, na tradução magnífica de José Marinho, editada pela inesquecível Inquérito. Era um volume gigantesco, que me chegou às mãos todo estragado pela água salgada que apanhou pelo caminho no barco entre Lisboa e Lourenço Marques. Mais tarde encadernei-o depois de o ter lido cem vezes, com deslumbramento e angústia e de sobre ele ter chorado outras cem pela morte sublime da Senhora de Rênal.*

Mais adiante a história de amor continua:

*“Li e reli o livro e percebi, desde logo que o caso da Senhora de Rênal só na aparência tinha a ver com Julião. Na realidade era comigo. Ela nascera para mim e eu para ela. Tímido era eu e não o Julião, parvo enfatuado e napoliãozinho de pacotilha. Julião não merecia aquele amor que era apenas, para o caso, um equívoco.”*

Equívoco que não foi para Eugénio, e é bom que se levem a sério as paixões literárias, que são tão sérias como *Madame de Rênal*, ou tão frívolas como a *Menina de La Mole*, que em palavras de Eugénio, “*não interessava nem à vaquinha do Presépio*. *Madame de Rênal* está condenada a ser única entre todas, ilha rodeada de sonho.

Quando Eugénio Lisboa fez setenta anos, combinei com a minha querida Amiga Maria Antonieta, sua mulher, premiá-lo por esta fidelidade à sua paixão literária e, atrevidamente, cometi o sacrilégio de lhe escrever uma carta de parabéns, em nome de *Madame de Rênal*. A Maria Antonieta disse-me que a minha identidade foi rapidamente descoberta, pois *Madame de Rênal* só há uma e é inimitável. Mas, mesmo assim, saí a ganhar, pois Eugénio respondeu a *Madame de Rênal* e endereçou-me a carta, para que

---

<sup>12</sup>*Idem*, p. 252.

eu lha entregasse. Assim o fiz. Depois de a ler, é claro! Eugénio reitera a sua paixão e dirige-lhe estas doces palavras: *'Vós sois o não-problema, a ternura, a atenção, a magia, a felicidade, a harmonia universal'*. Creio que através de Madame de Rênal, e utilizando-a como metáfora, Eugénio se refere também à harmonia universal que os clássicos perseguiram, que os humanistas fizeram renascer, que os cientistas sempre procuram e que os poetas nunca deixarão de procurar.

Diz António Damásio n' *O Sentimento de Si: Moral e direito, ciência e tecnologia, as obras das musas e a generosidade inerente à natureza humana, eis os meus pináculos favoritos para a biologia.*"

Madame de Rênal terá, doravante, para o jovem, o papel de deusa iniciática, a cuja degradação não terá de assistir, pois que «morrem cedo os que os deuses amam», e será salva da velhice pela mão velhaca de Julien Sorel. Heroína, misto de mãe, de amante, de mártir, Madame de Rênal será para o jovem, a única, *la sans pareille*. Malhas que a literatura tece e que, amorosamente, enredam o leitor. Dito de outro modo: de como são inegáveis as consequências da literatura. De livro em livro, de círculo em círculo, o jovem vai subindo a escada do seu passado privado e nos três últimos degraus do Décimo Círculo, sentada ao lado de Beatriz, ficará para sempre Madame de Rênal, heroína «divina», de uma tragédia ocorrida *ali*, naquele quarto, e também em *Verrières*. Porque *ali* era África e *La Franche Comté*. Porque *ali* corria o Umbelúzi, não afluente, mas *confluente* do Doubs. A torrente que em *Verrières* se precipita da montanha duplica a leitura torrencial do sujeito, ímpeto amoroso, medida desmedida de um amor adolescente por uma heroína ficcionalmente «real». *Le rouge et le noir*: amor feito de poentes vermelhos na negra África. Dizer o amor – ternura pelo espaço que viu nascer o amor por Madame de Rênal é dizer, de novo, a sua fidelidade ao mito. É sentir-se novo, é afinal sê-lo. Somos os nossos desejos: "Se tivesse podido tinha ficado sempre na mesma casa em Lourenço Marques".

O certo é que o sujeito ficou sempre *ali*, na forma possível de ficar, mitificando espaço pela memória – tempo paradisíaco da infância, da juventude. Ter um passado que merece ser lembrado é, afinal, ter identidade, segurança em qualquer tempo. A felicidade é isso mesmo: colher na rotina dos dias alguns fragmentos de paraíso e guardá-los no arquivo da memória, para agasalhar das intempéries, das guerras, do tempo dividido, dos dedos apontando diferenças.

Lourenço Marques existe jovem como o narrador, porque se elevou acima da condição precária das cidades. Do seu passado, o sujeito guarda aquilo que merece ser guardado – a beleza dos dias no quarto – lugar sacralizado, o lugar *ali*. O lugar que *conhece* o sujeito, porque este se alimenta do conhecimento do lugar, do conhecimento que só existe, para si, nesse lugar. A oferta de «para cima de uma centena de livros e até uma pequena estante» modificou o rumo do adolescente, que acusará, para sempre, a sua influência. A leitura é mais que lazer, torna-se ferramenta, apetrecho para a vida: "É como se ficasse apetrechado para tudo". E ficou. Tanto quanto se pode ficar apetrechado na adolescência. Viver interpostamente pela leitura é já um treino precioso para a vida. Por isso, o quarto é o espaço dos segredos adolescentes, para sempre contaminados de vida em ficção. Doravante, o quarto será mais que quarto, será espaço *desrealizado* de momentos de mágica felicidade. Será o lugar do segredo: primeiro olhando – "aquela riqueza", depois lendo-a, sentindo-a, amando-a. Nesse enamoramento, um simples quarto adquire o valor simbólico de *lugar ali*. Ali, exactamente ali, excluindo os outros lugares, apontando para o único, o diferente, o primeiro sítio, o primeiro encontro de amor com os textos, com as vozes – traves

mestras do conhecimento, os seus *Mestres*. *Ali* é a solidão feita da largueza de África. *Ali* é o espaço do fechamento do ser, na amplidão do espaço: “Gostava imenso destas ficções, mas gostava delas *ali* (...)”

Com Plutarco, o jovem *ali* conheceu as cinquenta *Vidas Paralelas*, numa Grécia e Roma míticas. Em Conrad, terá amado as paisagens exóticas, conhecendo também a angústia e a solidão. Com Tagore, não terá aprendido bengali, mas terá pressentido uma Índia em conflito com a língua inglesa. Terá “vivido” a injustiça dos homens em Victor Hugo, acompanhando no *bagne* Jean Valjean, fazendo-se, a seu modo, Marius, consolando a tristeza de Cosette e sentindo-se Gavroche, atrás das barricadas, desejando “fuzilar” os Thénardier para salvar Fantine. No Mississipi, treinou-se para herói com Tom Sawyer e Huckleberry Finn; com Dostoiewski, penetrou na tormentosa alma humana, ao mesmo tempo que travava conhecimento com Musset na *Confession d'Un Enfant du Siècle*. Talvez tenha pressentido em Panait Istrati que dos paraísos só restariam fragmentos, sonhos adiados de amanhã que cantam. Pôde comparar a sua infância à de Katherine Mansfield, vendo o mundo pelos olhos da mulher, aprendendo a admirá-la e sofrendo do mesmo modo, isto é *em igualdade* com os heróis da sua estante, fossem eles Jenny de Fontanin, Katucha ou Jacques Thibault. Com Mérimée, amou a Vénus d'Ille e sonhou pela pena de Lawrence, com a apetitosa Lady Chatterley. No centro de tudo, para sempre ficará Madame de Rênal. Memória viva de um afecto de leitura feito, uma das mais belas declarações de amor à *Literatura* – passado que não passa.

Por isso o jovem não poderia mudar os livros para outro lugar. Mudar os livros seria mudar a relação amorosa que só *ali* é possível. Mudar os livros seria mudar o quarto, que não se muda. Os livros ficam para que o jovem *fique*, porque sabe que terá de fazer três anos depois (e “três anos é ainda muito tempo”) a sua iniciação na “selva” da vida – A Universidade em Lisboa, ao longe quanto mais longe melhor, estranha e familiarmente, onomasticamente Lisboa. Para ser adulto, para usar como adulto o seu apelido Lisboa, terá de partir, chegar a Lisboa. O espaço e o sujeito inelutavelmente, irremediavelmente confundidos, no quarto, nas cidades, nos continentes, que são aqueles que, metonimicamente, contêm os sonhos.

O jovem assemelha-se à andorinha do conto que fecha o livro *Praia da Memória*<sup>13</sup> de Miguel Serrano. Terá de partir, terá de tratar da sua vida. Também ele será “pontinho negro no céu” não já do encantamento, mas da distância desencantada de Lisboa. Pontinho negro que é, afinal, branco. Como a andorinha, voltará. Por enquanto em sonhos, sonhando no presente os sonhos no futuro – a carreira no longe de Lisboa – sonhos no presente que reenvia ao passado narrado nos livros, que agora se lêem. Sonho – ilusão do espaço em que ambos os sonhos se sonham, pois que, na realidade “A casa nem sequer era boa. Mas era melhor do que ser boa: era a casa a que me tinha habituado, era a casa em que tantos encontros e milagres aconteciam”.

A casa é posto de escuta, de vigia, sobre o mundo, espaço imaginariamente fortificado pelo poder do saber que vem do ler. Espaço mítico – lupa de literatura que amplia os sonhos à distância conveniente e reduz as desilusões, afastando o espaço real das cidades. Por isso a Europa só é boa vista *dali*, filtrada pela leitura mediadora. E, porque o espaço físico realmente já não existe, nem sequer a sua antiga designação onomástica, maior potenciação adquire o espaço mítico, de saudade, que tal espaço físico representa, na rememoração que dele se faz: “como era grande e mágico e sedutor o mundo visto do meu quarto da Rua Mendonça Barreto de uma Lourenço Marques que já não existe!”

---

<sup>13</sup>Miguel Serrano, *Praia da Memória*, Lisboa, Editorial Escritor, 1995.

E porque não existe é que existe e continuará *sempre* a existir, como mito continuamente reinventado por um Sísifo que carrega as suas pedras de memórias, para reconstruir, ladeira acima, a sua casa – a casa *ali*. Ali onde havia um quintal, jardim das Hespérides, Paraíso – “jardim maravilhoso”, que o será mais ainda por contraponto ao infernozinho privado, a cave não guardada por Cerbero, todavia, “enorme e um pouco assustadora”, vista no lá longe, bem perto, à esquina da infância, ao virar à adolescência. O alargamento do espaço cultural do sujeito é representado metaforicamente no espaço físico, sempre o mesmo, mas que o sujeito diz ser maior, visto que ambos se metonimizam entre si: “o quarto ia sempre ficando maior e eu a caber nele cada vez melhor”. *Caber*, significa agora *entender*, estabelecer uma relação reticular com os entes literários, com os seres que eles representam, com o mundo real, figuradamente representado: “Tanta coisa ali tinha acontecido e com gente de tanto lado diferente, que o quarto era realmente um mundo”.

E, porque nada supera o mundo imaginário, a conclusão é inevitável: “sair dele era ir para mais pequeno”. Por outras palavras e simbolicamente: sair da infância, da adolescência, ser adulto, é ir para “mais pequeno”, é perder os sonhos, deixar para trás o mundo, em sonho de leituras feito, para se conquistar um mundo ganho em suor e sangue de labuta. Crescer é morrer, fazer um luto precoce pelo mundo amado. Em Setembro de 1947, a guerra dos outros acabara, há dois anos, mas a guerra privada do jovem começava ali, vendo desmoronar na despedida, as figuras amadas, recriadas, lidas em ansiedades de fulgor juvenil. Nunca haverá outro *ali*, como mulher alguma será Madame de Rênal: ” E parti, para sempre, daquele cantinho a que quisera como se fosse parte de mim e no qual me fizera como nunca voltou a acontecer”.

O sujeito diz hoje “como se fosse” sabendo que era mesmo e, porque sabe que o fosso que o separa *dali* é intransponível, refugia-se no *como*, para minorar, atenuar a perda, com sabor a irremediável melancolia. Por isso urge disfarçar e o registo do texto ganha subitamente um toque irónico: “também não há quartos por aí aos montes.” Os “montes” não são a linguagem do passado, são a linguagem do presente desiludido, escondido por detrás da máscara irónica que (des)vela a perda, como quem diz: nem todos tiveram um quarto, por isso o privilégio é meu. No pensamento inter-dito, ganha, re-ganha a perda, pela via racional: “Houve aquele e já não foi mau”. A litote significa que afinal foi bom, muito bom e mostra que a excelência das coisas é matéria da memória do passado do *Ali* – casa, ninho, regaço protector. Aqui é o sítio sitiado onde se fecham os olhos para se re(a)ver o tempo em que Madame de Rênal passava a mão pela sua cabeça, desfazendo-se em ternura.

O espaço *ali* é ainda sonho transposto no espaço *além* e o sonho é ainda uma forma de *acreditar* para uma mente racional habituada a *entender*: “Gostaria tanto de acreditar num além onde pudesse voltar a encontrar a minha casa, o meu quarto, o Nero...” O doce Nero – o cão fiel, um Argos que reconheceria o viandante à sua chegada a Ítaca. Penélope estaria à porta, à sua espera, “*com a vivacidade e a graça que lhe eram naturais quando estava longe dos olhares dos homens*” e o jovem feito em simbiose de Ulisses e Télémaco, “*virando-se de repente siderado pelo olhar gracioso de Madame de Rênal, esqueceria uma parte da sua timidez e espantado pela sua beleza esqueceria tudo, mesmo o que vinha fazer*”. À pergunta «*Que Voulez-vous ici, mon enfant?*» não esqueceria, contudo, a resposta que para sempre daria: Quero amar-vos senhora minha. Ao contrário de Julien e do seu destino literário, Madame de Rênal vive para sempre, *ali*, no texto admirável de Eugénio Lisboa, no seu fragmento de paraíso perdido reencontrável ao virar da página, reconstituível pela leitura.

Os estóicos devem o seu nome a *stoa*, pórtico, lugar de passagem, onde ensinavam que tudo passa. Todavia, esta passagem não deixa um vazio, porque é feita de movimento sucessivo do que passa, e assim eterniza a passagem, anulando-a como limite. E, porque Eugénio Lisboa é um príncipe das Duas Culturas, sabe como ninguém praticar a "*arte sinuosa de procurar, exactas, as palavras que não são*", pois só assim estas lhe darão espaço de sempre renovada busca. Será ainda a arte da inteligência revelada nessa busca permanente e obstinada que se constitui também como objecto de celebração. Talvez que o gosto das palavras, o exercício do pensamento não sejam mais do que uma rigorosa orquestra em que os instrumentos científicos ou literários tocam a suprema arte de amar a Cultura.